

---

## Narrativas póstumas de um massacre: o uso das redes sociais para a construção do personagem de Guilherme Tauci<sup>1</sup>

Gabriela Rodrigues ALMEIDA<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### RESUMO

Este artigo aborda a construção narrativa do autor de um dos massacres escolares mais importantes do país, Guilherme Tauci. Além disso, inicia uma análise sobre o uso de novas tecnologias na produção de conteúdos refratários para as redes sociais, em especial o TikTok, promovendo a violência escolar no Brasil de forma positiva, objetiva ou subjetivamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** redes sociais; deep fake; cultura digital; massacres em escolas, políticas e governança da internet.

### INTRODUÇÃO

Em 2019, o Brasil viveu algo muito parecido com o que vivera a sociedade norte-americana no final dos anos 90. Dois jovens vestindo roupas escuras, máscaras e coturnos invadiram sua antiga escola portando armas e mataram alunos e funcionários da instituição. Menos cinematográfico que Columbine, os autores de Suzano também se preocuparam com as imagens que seriam veiculadas a partir da certeza de uma ampla cobertura jornalística, posicionando-se no melhor ângulo das câmeras de segurança da Escola Estadual Raul Brasil e deixando pistas da intencionalidade de seu ataque através de publicações em redes sociais e no fórum Incel<sup>3</sup> mais famosos do Brasil, o *Dogolachan*.

Guilherme Tauci tinha uma biografia muito próxima da realidade de outros membros da comunidade, abandonou os estudos por conta do *bullying* sofrido pelos colegas, foi desamparado por seus pais e jogava videogames no seu tempo livre com seu melhor amigo. Fisicamente, Tauci era o padrão daquele grupo: pele clara, magro, cabelos lisos e a vestimenta muito próxima ao estilo gótico com coturnos, camisetas de jogos e bandas, além de bandanas e máscaras. A preocupação com a qualidade das filmagens do ataque, de sua vestimenta e a sua atuação nesses territórios online fez com que tanto o massacre de Suzano quanto sua existência fosse um marco cultural dentro da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda da área de Ciências da Comunicação pela ECA-USP, email: garod.rodrigues@usp.br.

<sup>3</sup> Incel, do inglês *involuntary celibates*, é um grupo de celibatários involuntários presente nos meios digitais e que promovem discursos de ódio a mulheres, negros e pessoas LGBTQIAP+.

---

história da violência escolar no Brasil, o que culminou no surgimento de um *fandom*<sup>4</sup> *refratário*<sup>5</sup> do adolescente.

## **METODOLOGIA**

O conteúdo deste artigo é derivado da pesquisa em desenvolvimento para a escrita da dissertação de mestrado “O massacre está online: o papel do TikTok e X na difusão de mensagens positivas à violência escolar no Brasil”. Portanto, os critérios de coleta e seleção dos objetos, assim como o processo de análise dos vídeos apresentados, foram aplicados de forma idêntica à dissertação, tanto na escolha do quadro teórico de referência, das redes sociais citadas, quanto na seleção de ferramentas para o monitoramento e *download* dos produtos audiovisuais.

Para a realização desta coleta, três *hashtags* foram monitoradas: #tcctwt, #tcc e #taucci, sabidamente utilizadas para discutir massacres em escolas e fomentar a produção de conteúdo favorável a estes. Neste artigo, em especial, a #taucci foi olhada com maior atenção visando entender o comportamento destes públicos refratários (ABIDIN, 2021) no papel de *fandoms* e sua participação na construção narrativa de Guilherme Tauci, focando especialmente em objetos audiovisuais curtos, publicados e/ou republicados no TikTok e no X, o novo Twitter.

A coleta foi realizada entre julho de 2023 e julho de 2024 e, para a pesquisa, estabelecemos critérios para determinar quais objetos seriam válidos neste contexto: (1) vídeos com ou sem imagens em movimento, com ou sem trilha sonora e/ou locução, publicados pela ferramenta de “postagem de vídeo” nas redes sociais e (2) as legendas dos produtos audiovisuais, quando compostas de mais informações do que as *hashtags* estudadas, serão consideradas na definição se a publicação é ou não favorável aos massacres escolares. Poderão ser citadas no processo de análise, porém não são consideradas partes do objeto.

O recorte feito do conteúdo coletado e que será analisado aqui são duas publicações distintas no TikTok com o objetivo de analisar e compreender essas

---

<sup>4</sup> Fandom, do inglês *fan kingdom*, é o nome dado aos grupos de fãs, em especial nos meios digitais, de qualquer área de interesse ou atividade.

<sup>5</sup> Segundo Abidin (2021), grupos e públicos refratários são aqueles que atuam à margem das redes sociais, infringindo as diretrizes de uso destas através do fomento e divulgação de discursos proibidos, porém agindo de uma forma que os permita operar “abaixo do radar”, ou seja, de certa forma que não são flagrados pelos mecanismos de vigilância.

---

produções audiovisuais destes grupos, além de problematizar o espaço digital onde estão sendo publicitados os atos violentos, este artigo avaliará duas produções distintas publicadas em diferentes períodos na rede social supracitada: (1) vídeo da linguagem *edit* de Guilherme Tauci publicado pelo usuário *oliveiratcc* sob o nome de “Sou do Tauci” e (2) um vídeo que reproduz a face de Guilherme Tauci através da técnica de *deep fake* originalmente publicado pelo usuário *trechoscinecasos*, mas republicado diversas vezes por outras contas.

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a exposição do tema proposto, é importante entendermos o conceito não apenas de públicos refratários (ABIDIN, 2021), mas de *fandoms*, em especial na visão de teóricos que observam esse fenômeno do viés do desenvolvimento de comunidades a partir do uso da internet, como é o caso de Pierre Lévy e Henry Jenkins. Nesse sentido, a combinação de ambos os conceitos, outrora tão distantes, nos ajuda a entender como e porquê há um interesse na construção de uma “nova” narrativa para o autor de um dos massacres escolares mais importantes já ocorridos no Brasil. Além disso, entendemos que a definição de violência enquanto uma ação instrumental (Arendt, 2006) e a noção de culpado e vítima a partir da visão de que alguns grupos são indignos de viver (Arendt, 1998) se fazem extremamente significativas para avaliar como essa ação destes grupos podem impactar no entendimento histórico do massacre.

Para Lévy, o desenvolvimento de comunidades virtuais se apoia na interconexão (LÉVY, 2010), e para Jenkins, o fã, enquanto participante de uma comunidade é aquele que se recusa a aceitar o que recebe de forma passiva e exige o direito de uma participação plena na produção de conteúdo sobre o que admira (JENKINS, 2009). Estas óticas nos ajudam a enquadrar a produção feita por estes *fandoms refratários* numa lógica de publicidade orgânica a partir da admiração a autores de massacres escolares, em especial Guilherme Tauci. A utilização de linguagens naturalmente pertencentes a outros grupos de fãs não só revelam uma possível intencionalidade de camuflar-se meio ao conteúdo usual, como podem utilizar-se da ausência de contexto para o direcionamento narrativo de um fato violento.

Essa “nova versão” dos fatos esvazia os papéis claros de culpa e inocência a partir da ideia de que quem atacou a instituição de ensino o fez para cumprir uma sentença já anunciada (ARENDRT, 1998), visto que, segundo os Incel, quem morreu era a “escória”.

---

A partir daí, podemos esclarecer que, por mais que tais ações violentas, ainda isoladas no Brasil, pareçam cometidas por “lobos solitários”, a divulgação destes atos, a partir de seus próprio ideais narrativos, é uma tática objetiva do terrorismo proposto por essas organizações digitais (SPAIIJ, 2011).

## ANÁLISE

Anterior à análise, devemos nos aprofundar nos formatos audiovisuais utilizados nas redes sociais, em especial no TikTok, que tem objetivos claros e distintos. O *edit*, que vamos analisar neste artigo, é um vídeo que visa dramatizar algo ou alguém, ficcional ou não, através de intervenções sonoras e visuais, a partir da escolha de frases e/ou *emojis* em tela, colorações, músicas e melodias que, devido ao uso nas produções, carregam um significado para além do que está sendo tocado e/ou cantado. Podemos entender que esse formato é uma espécie de montagem em vídeo, como seria feito numa imagem estática no Photoshop, por exemplo, enfatizando algo que não está necessariamente sendo dito e/ou mostrado nas peças originais.

No *edit* publicado pelo usuário *oliveiratcc*, algumas escolhas estéticas chamam a atenção como, por exemplo, a escolha das fotos de Taucci apresentadas, que não incluem armas, de fogo ou brancas, mas que sutilmente tem a presença da *siege mask*, máscara utilizada pelo autor durante o massacre de Suzano e que faz um aceno claro a grupos neonazistas. As fotos são apresentadas juntamente com *emojis* que demonstram emoções felizes e, posteriormente, tristes seguidas da retirada de cor das imagens, imputam que a pessoa presente nas fotografias esconde estes sentimentos desconfortáveis. A frase inicial, “nossa, você tá triste” também induz o espectador a essa conclusão, em conjunto com a trilha sonora composta da melodia de *Lovely*, da cantora Billie Eilish, que retrata um eu lírico lutando para escapar de um determinado lugar onde se vê preso, posteriormente sendo revelado que é o estado depressivo.

Como falado anteriormente, o vídeo publicado sem qualquer contexto histórico do massacre, em conjunto com os comentários amorosos de outros usuários, dá margem para interpretações historicamente equivocadas em relação ao papel de Taucci no massacre escolar de Suzano, especialmente considerando que a faixa etária inicial para a criação de uma conta no TikTok é 13 anos de idade que podem não ter memória do caso e, visto que o vídeo obedece às diretrizes de uso da plataforma por não mostrar imagens

---

violentas ou qualquer detalhe técnico objetivo que o classifica como conteúdo adulto, pode ser indexado nas versões com maior controle parental do aplicativo.

Já no segundo vídeo, temos a presença do próprio Guilherme Taucchi contando a “sua versão” dos fatos através de uma *deep fake* com a utilização de uma voz robotizada gerada por inteligência artificial e sem qualquer entonação, o que faz com que o texto narrativo ganhe ainda mais importância nessa peça. A visão do autor começa explicando os possíveis porquês do ataque, mencionando *bullying*, a morte de sua avó e o abandono parental que sofreu na infância, e relatando o fato com certa riqueza de adjetivos como “pessoas inocentes”, “reconcavos (sic) obscuros da internet” e “antes de fazermos mais vítimas”. Tais expressões, em especial quando mencionam os estudantes mortos no ataque, atribuem a essa simulação do autor que morreu no dia do ataque um possível arrependimento pelo ato, mesmo que este seja impossível de forma póstuma. A legenda presente na própria tela, sobrepondo o vídeo, destacando na cor vermelha palavras como “desmoroando”, “bullying” e “abandonarem” também guiam o olhar do espectador para o entendimento de que aquela “pessoa” deve ser eximida de culpa, uma vez que sua ação foi uma reação à violência que sofreu durante sua vida, justamente o que fora utilizado em outros casos como o ataque à Columbine e, no Brasil, à Escola Municipal Tasso da Silveira no Rio de Janeiro.

## PRINCIPAIS CONCLUSÕES

Apesar da natureza violenta convergente de ambos os ataques, diferentemente de Wellington, autor do massacre de Realengo, Taucchi atende perfeitamente ao público-alvo destas produções seja por sua idade na época do ocorrido, pelo visual gótico, por seus hobbies tão próximo dos jovens em idade escolar e, principalmente, por sua pele de cor branca, que o torna um ponto de convergência entre os Incel e os grupos neonazistas, o tornando o ídolo perfeito para esse tipo de produção cultural. Para Galtung, podemos entender a tipologia da violência como “direta”, “estrutural” e “cultural”, correlacionadas ao triângulo da violência, em sua maioria das vezes, tem a violência cultural como base (GALTUNG, 2018). A violência é direta quando causa danos físicos e ou psicológicos à vítima; estrutural quando é base para diversos tipos de violência, como por exemplo o nível de desigualdade social em um país; e cultural quando a violência estrutural e direta está tão assimilada que não é mais percebida como errada e danosa. Sendo assim, a estratégia de publicização destes atos violentos em redes sociais abertas aos estudantes

---

de todo país tem o objetivo claro de cooptação de novos autores, direta ou indiretamente, tornando-os quase *influenciadores refratários*.

Podemos observar outros massacres escolares no Brasil, como é o caso de Aracruz, no Espírito Santo, em 2022, e, mais recentemente, em Monte Mor, no interior de São Paulo, em 2023, que se assemelham esteticamente às produções de conteúdo feitas sobre Taucci. A divulgação destes vídeos e o apelo emocional contido neles tem um grande potencial de conversão de jovens, outrora adaptados socialmente, através do reconhecimento de angústias tão presentes no desenvolvimento de personalidade previsto para essa fase da vida social e escolar. Estas publicações, por mais que não se adequem enquanto vídeos violentos nas diretrizes de uso das redes analisadas, devem ser tratadas como tal, visto que a consequência de tais influências é o eventual aumento de atos violentos no ambiente escolar brasileiro.

## REFERÊNCIAS

ABIDIN, C. From “Networked Publics” to “Refracted Publics”: A Companion Framework for Researching “Below the Radar” Studies. **Social Media + Society**, v. 7, n. 1, p. 205630512098445, jan. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2056305120984458>. Acesso em: 8 mar. 2023.

ARENDDT, H. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ARENDDT, H. **Sobre La Violencia**. Madrid, Spain: Alianza Editorial, 2006.

FERR, B.S. Sem título. [@beatrizstefanyfer]. 1 jun. 2023. [Vídeo]. TikTok. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@beatrizstefanyfer/video/7239880506081299718?q=taucci&t=1717862875031>. Acesso em 1 jul. 2023. #taucci #tctwt #inteligenciaartificial

GALTUNG, J. Violência, paz e pesquisa para a paz. **Organicom**, [S. l.], v. 15, n. 28, p. 33–56, 2018. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2018.150546. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2018.150546>.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2009.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

LOVELY. Intérprete: Billie Eilish, Khalid. Compositores: Finneas O’Connell, Billie Eilish O’Connell, Khalid Robinson. *In*: LOVELY. Intérprete: Billie Eilish, Khalid. [S. l.]: Dark Room, Interscope, 2018. faixa 1 (3:20 min).

SPAAIJ, R. **Understanding Lone Wolf terrorism**: Global patterns, motivations and prevention. 2012. ed. Dordreque, Netherlands: Springer, 2011.

TAUCCI, S.d. Sem título. [@oliveiratcc]. 15 jan. 2024. [Vídeo]. TikTok. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@oliveiratcc/video/7324348719409696006>. Acesso em 16 jan. 2024. #taucci #tctwt